



IdeAs
Idées d'Amérique

16 | 2020

**Les marges créatrices : intellectuel.le.s afro-
descendant.e.s et indigènes aux Amériques, XIX-XXe
siècle**

O professor e intelectual Kabengele Munanga no Brasil: observações sobre identidades, etnia, raça e políticas sociais

L'enseignant et intellectuel Kabengele Munanga au Brésil : observations sur les identités, l'ethnie, la race et les politiques sociales.

The teacher and intellectual Kabengele Munanga in Brazil: observations on identities, ethnics, race and social policies.

Reinaldo José de Oliveira et Regina Marques de Souza Oliveira



Édition électronique

URL : <http://journals.openedition.org/ideas/9677>

DOI : 10.4000/ideas.9677

ISSN : 1950-5701

Éditeur

Institut des Amériques

Référence électronique

Reinaldo José de Oliveira et Regina Marques de Souza Oliveira, « O professor e intelectual Kabengele Munanga no Brasil: observações sobre identidades, etnia, raça e políticas sociais », *IdeAs* [En ligne], 16 | 2020, mis en ligne le 01 octobre 2020, consulté le 18 octobre 2020. URL : <http://journals.openedition.org/ideas/9677> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/ideas.9677>

Ce document a été généré automatiquement le 18 octobre 2020.



IdeAs – Idées d'Amérique est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

O professor e intelectual Kabengele Munanga no Brasil: observações sobre identidades, etnia, raça e políticas sociais

L'enseignant et intellectuel Kabengele Munanga au Brésil : observations sur les identités, l'ethnie, la race et les politiques sociales.

The teacher and intellectual Kabengele Munanga in Brazil: observations on identities, ethnics, race and social policies.

Reinaldo José de Oliveira et Regina Marques de Souza Oliveira

Introdução

- 1 Nosso interlocutor, o professor e intelectual das Ciências Humanas e Sociais, Kabengele Munanga, é o tema central de nossa escrita. Sua pessoa, ideias e reflexões estão vinculados aos temas relacionados à população negra no Brasil. Durante os últimos 50 anos, o percurso edificado por Kabengele foi dedicado a observar a realidade da população negra, como a formação de pesquisadores, sobretudo de mestres e doutores negros, e a produção intelectual sobre o racismo na sociedade brasileira.
- 2 Inúmeros acontecimentos marcaram as cinco últimas décadas no Brasil, como a ditadura militar, o processo de redemocratização, a denúncia e as lutas dos movimentos sociais negros contra o racismo, a Constituição Federal de 1988, a legislação de combate ao racismo e a política de cotas no ensino superior¹. Esses foram, em geral, temas observados nos universos da academia e da realidade social por nosso interlocutor.
- 3 Kabengele iniciou a vida acadêmica no Brasil abordando os temas do contexto histórico, social, político e cultural da população negra, desenvolvendo ideias, conceitos e interpretações.

- 4 A seguir, temos um breve histórico do autor e sua vida. Posteriormente, abordaremos as reflexões desenvolvidas por Kabengele a respeito dos temas identidades, raça, etnia e políticas sociais².
- 5 Nas fontes escritas e audiovisuais consultadas, nosso interlocutor detalha a sua história, desde a entrada no Brasil para fazer a pós-graduação até o momento atual, a aposentadoria e o convite para atuar como professor visitante na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

Breve História África-Brasil

- 6 Kabengele Munanga é natural do antigo Zaire e atual República Democrática do Congo. A colonização belga em seu estado natal teve repercussão em quase toda a história, antes de sair e decidir viver no Brasil. A colonização teve atuação na sua escolarização, no contexto social e até no nome individual e da família. Antes, com a colonização, nosso interlocutor se chamava Kabengele Crisphan, posteriormente, a desconstrução da colonização retirou o Crisphan e, por intermédio da lei, obrigou a adotar o nome Munanga.
- 7 A dominação belga fez em seu estado natal o fomento de conflitos étnicos, por exemplo, atizando diante das crianças e jovens as identidades e as diferenças, conduzindo para a divisão das comunidades, culturas e povos, com o intuito de dividir a sociedade para dominar as diferenças socioculturais.
- 8 A colonização dos países africanos, assim como a dos países latino-americanos, teve como característica a dominação: a imposição da língua dos colonizadores, da cultura e dos valores tidos como fatos sociais, ou seja, desde a escolaridade até os valores tradicionais, eles foram substituídos pelo quadro social da colonização.
- 9 Para Aníbal Quijano (2005), o território latino-americano, de colonização espanhola e portuguesa, teve como marca fundadora o derramamento de sangue de centenas e centenas de etnias e identidades, indígenas e africanos escravizados.
- 10 Na interpretação de Abdias do Nascimento (1978), o genocídio da população negra, além de ter atuado de forma física nos 388 anos da escravidão, teve forte carga simbólica quanto à imposição do quadro sociocultural da colonização portuguesa, por exemplo, com a catequização da religião cristã e a demonização das culturas africanas.
- 11 Durante o período do capitalismo mercantil, a população do continente africano foi escravizada e colocada à mercê no mercado colonialista nas Américas. Posteriormente, no final do século XIX e início do XX, novamente a África é partilhada pelas principais potências europeias. No caso específico do Congo, o Estado belga se apossou de seu território, de suas riquezas e da população. A infância de nosso interlocutor foi recheada de conflitos em torno da colonização.
- 12 Foram os jovens universitários que iniciaram a desconstrução das ideias da colonização. A desconstrução, segundo Kabengele, se reporta ao momento histórico daquele período, na África, nos Estados Unidos e no contexto francês. Os jovens estudantes começaram a mudar as relações de dominação e colonização com as ideias e reflexões do movimento pan-africanista.
- 13 Os primeiros estudantes africanos e da diáspora africana, por exemplo, na cidade de Paris, começaram a escrever, debater e compartilhar as ideias em torno do pan-

africanismo, como Aimé Césaire, Leopold Senghor e Léon Damas, fundadores e dinamizadores das ideias do movimento da negritude.

- 14 O pan-africanismo é um movimento de caráter social, político e filosófico, que busca defender os direitos do povo africano e da diáspora através de um único Estado soberano. William E.B Du Bois e Marcus Garvey, ambos afro-americanos, cunharam a ideologia da unidade africana e afro-diaspórica. No Brasil, foi divulgada amplamente por Abdias Nascimento (2002), ex-chefe de Estado, ex-deputado federal, professor, intelectual, escritor e uma das principais lideranças negras na história do século XX, em especial, das lutas contra o racismo à brasileira.
- 15 Kabengele nos conta que a descolonização, gradativamente, baseada nos ideais do pan-africanismo e do movimento da negritude, propõe a mudança do nome das cidades, dos trajes e da forma de se viver, do modo ocidental na época para o contexto nativo, das etnias, identidades e culturas do Congo.
- 16 Em sua comunidade, o nome carrega a etnia do grupo, dos ancestrais e das atividades funcionais. Segundo o interlocutor, Munanga significa amado. O nome é uma primeira representação de pertencimento, de família, etnia, religião e do trabalho rural.
- 17 Kabengele Munanga foi o primeiro antropólogo a se formar na Universidade oficial do Congo. Ao terminar a graduação, ele ganhou uma bolsa de estudo para cursar o mestrado na Universidade da Bélgica.
- 18 Nos idos de 1973 e 1974, o Professor da Universidade de São Paulo, Fernando Mourão, em uma breve passagem pelo Congo, é apresentado para Kabengele. Ali, começava uma nova história que seria escrita, posteriormente, com a mudança do jovem estudante para o Brasil, na Universidade de São Paulo. O projeto que a USP tinha previa a cooperação com algumas universidades africanas, era um convênio entre a USP e o Ministério de Relações Exteriores. O prazo que o jovem estudante do Congo obteve foi de apenas dois anos.
- 19 Em 1975, ele pisa o solo brasileiro, se fixando na condição de doutorando na Universidade de São Paulo. Na época e nos dias de hoje, a USP é tida como uma das principais instituições de ensino superior, sobretudo na área de ciências humanas e sociais. Seu professor orientador foi o antropólogo João Batista de Lacerda.
- 20 O Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo teve à frente nomes e expressões importantes da intelectualidade nacional. A fundação acontece nos idos de 1930, por ali passaram os professores Claude Lévi Strauss, convidado internacional para compor a primeira geração de professores e pesquisadores, posteriormente, as gerações formadas, como Florestan Fernandes, Octávio Ianni, Antônio Cândido, João Batista de Lacerda, Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, dentre outros, que se destacaram por suas investigações e as construções críticas sobre a sociedade brasileira.
- 21 Conforme comentários do Professor Antônio Cândido (2006), a fundação da Faculdade de Ciências Sociais ocorre diante do cenário de grandes transformações, a mudança da sociedade de base rural em transição para a sociedade urbana e industrial. Gradativamente, com a formação dos primeiros sociólogos, novas interpretações foram sendo feitas sobre a sociedade brasileira, a cultura e a vida política, como o próprio Antônio Cândido, Fernando Azevedo e Florestan Fernandes.
- 22 Kabengele Munanga inicia sua vida acadêmica após a realização de importantes trabalhos, como, por exemplo, o projeto Unesco sob coordenação de Roger Bastide nos anos 1950 que desmistifica a ideia de que o Brasil era um grande paraíso racial (Maio,

- M.C., 1999). Em São Paulo, Florestan Fernandes lança sua obra clássica *A Integração do Negro na sociedade de Classes*, que trata exclusivamente do quadro das desigualdades sociais e raciais da população negra (Fernandes, F., e Bastide, R., 1971; Fernandes, F., 1965).
- 23 No doutorado da Universidade de São Paulo, Kabengele foi orientado pelo professor João Batista de Lacerda, com estudos voltados para a área de antropologia. Sua tese de doutorado, intitulada “Os Basang de Sahaba (Zaire) – Aspectos sócio-econômicos e político-religiosos”, concluída em 1977, se reportava apenas ao cenário histórico do Congo.
 - 24 Após a conclusão do doutorado, aconteceu o retorno para o Congo. Durante o retorno, ele se vê diante de conflitos, agora de ordem interna, com a instalação da ditadura em território congolês. Ali, ele se viu impedido de prosseguir com seus estudos sobre a produção de conhecimento em África.
 - 25 A saída do jovem pesquisador de seu país de origem, em plena ditadura militar não foi nada fácil: teve o passaporte apreendido pelo governo do Congo. Sua saída não foi formal, foi instrumentalizada para sair do país de forma legal, por intermédio do pedido de convênio que a USP operacionalizou.
 - 26 É importante lembrar o cenário político do Brasil. O que se vivia em solo brasileiro não era muito diferente da realidade do Congo. O Brasil estava passando por um novo período de ditadura civil e militar. O Golpe militar no Brasil acontece em 1964 e a ditadura prossegue até 1985. Posteriormente, a transição democrática é contemplada com a formalização da Constituição Federal (1988), com o estabelecimento dos direitos e deveres, principalmente os direitos para a promoção da cidadania da população historicamente deixada à margem da sociedade.
 - 27 Após trinta anos da Constituição Federal, os movimentos sociais negros, o movimento de mulheres, de jovens, crianças e adolescentes, os trabalhadores da cidade e do campo, de diferentes quadros sociais, insistem na constante luta em torno da construção da cidadania brasileira.
 - 28 A Constituição Federal de 1988, na teoria, garantiu a todos os mesmos direitos. No entanto, na prática a história é outra. Os pobres, negros e as mulheres continuam com as experiências das desigualdades e nos últimos lugares da hierarquia social.
 - 29 No período da ditadura no Brasil, de 1964 a 1985, o acesso ao ensino superior era exclusivamente branco, pertencente aos setores socioeconômicos médio e alto. Poucos jovens negros foram exceção no ensino superior durante a ditadura militar, coincidentemente o período que nosso interlocutor começou sua vida em solo brasileiro. A regra foi a educação para os pobres e negros, sem um grau de complexidade, de construção crítica e científica. O geógrafo e pensador Milton Santos foi uma exceção dentre a população negra.
 - 30 Após 130 anos do fim do trabalho escravo, a segregação racial mantém a população negra e pobre nos últimos lugares da hierarquia social. No caso da escola dos negros e pobres, a segregação é a regra; na sala de aula dos espaços segregados, a reflexão crítica, a complexidade e o exercício científico não são a base da produção de conhecimento.
 - 31 A segregação escolar dos negros e pobres reflete diretamente no quadro das desigualdades sociais e raciais, no presente e no breve futuro das crianças, jovens e

- adolescentes no mercado de trabalho e no rendimento salarial dos trabalhadores, conforme a classe social, etnia, raça e o gênero (Campos, A., 2007; Garcia, A., 2010).
- 32 Kabengele foi obrigado a sair de sua terra natal em razão da ditadura militar, no entanto, no território brasileiro, ele observou a ditadura militar agindo de outra forma. No Brasil, a ditadura militar tratou de manter milhões de pessoas afastadas e isentas do contexto político, ou seja, nas periferias, fábricas e nos ambientes sociais, não se falava em direitos sociais e políticos.
- 33 No quadro das universidades também se reproduzia o mesmo cenário, não havia questionamentos por parte da sociedade do privilégio branco no ensino superior. O ensino superior não questionava a ausência da população negra nas universidades, o quadro se naturalizou como algo comum, um simples artefato da segregação que separava brancos e negros na sociedade. O debate sobre relações raciais no ensino superior surge no contexto da criação das cotas no ensino superior (Machado, E., e Barcelos, L.C., 2001).
- 34 O retorno para o Brasil marca o início da carreira docente nas universidades brasileiras. Em 1977, exerce a docência na Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, posteriormente, entre 1979-1980, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- 35 Em 1980, Kabengele Munanga inicia suas atividades de docência e pesquisa na Universidade de São Paulo. Integrou a USP como professor da Faculdade de Filosofia, com exercício no Museu de Arqueologia, exatamente na função que o professor José Mariano Carneiro da Cunha ocupava. Posteriormente, em 1983, assumiu o posto de diretor no Museu de Arqueologia, a partir de convite do antigo reitor.
- 36 Seu professor e orientador, João Batista Pereira, traz o seguinte comentário sobre Kabengele: “Kabe está preocupado em pesquisar África, depois que se radicou no Brasil, ele colocou em primeiro plano, estudar o negro no Brasil. Não foi sobre África. Ele é alguém que milita em favor do negro³.”
- 37 As palavras de nosso interlocutor reiteram as ideias de seu orientador do doutorado:
- Então escolhi a linha de pensamento, a área das relações raciais e inter-étnica e juntamente a questão do negro. Como pesquisador, os resultados de minhas pesquisas deveriam contribuir na formação dos outros. Nesse sentido, que muitos jovens, brancos e negros, entraram na universidade e me procuraram como orientador. Muitos frequentaram minha disciplina, teoria sobre racismo e discurso antirracista. Foi toda uma escola, uma visão diferente de quem está na academia, mas que tem uma visão diferenciada. Porque eu estava sempre com um pé na academia e outro na realidade social, para aprender com as próprias vítimas, com o movimento negro, como eu costumo dizer: o meu trabalho foi uma dança de valsa, um pé na frente na academia e o outro atrás, no movimento negro com as bases sociais e isto me ajudou a crescer e a corrigir o meu próprio pensamento, a corrigir os conceitos que vinham da própria academia a partir das experiências das próprias vítimas, de jovens do movimento negro, com quem eu aprendi muito.
(Entrevista na TV USP, Programa Trajetória, 2012)
- 38 A interpretação acima de nosso interlocutor diz respeito ao processo de transformação de suas ideias, reflexões e de sua identidade. A identidade social de Kabengele, gradualmente, metamorfoseou-se em contato com o universo acadêmico e com os atores e vítimas do racismo brasileiro. A incessante transformação social e política vamos ver em seus textos, com a construção de conceitos e reflexões a respeito da realidade do mito da democracia racial na sociedade brasileira.

- 39 Conforme apontamos acima, Kabengele permaneceu na USP, de 1980 até 2012, foram 32 anos de trabalho em ensino, pesquisa, extensão e atuação social junto com os movimentos sociais negros. Em seus textos, publicados em livros e periódicos, temos a centralidade dos temas identidades, raça, etnia e racismo, cidadania e políticas públicas, para fins de melhor compreender o Brasil, principalmente as barreiras que impedem a população negra de atingir mobilidade socioeconômica, política e cultural.
- 40 Durante mais de três décadas de trabalho na USP, nosso interlocutor escreveu aproximadamente 150 textos, distribuídos em artigos de periódicos, em capítulos de livros e diretamente livros escritos e organizados.
- 41 Reiterando as palavras acima, a sua história foi escrita com um pé na academia e outro no movimento social negro, observando, aprendendo e ensinando a luta contra o racismo e as desigualdades.
- 42 Após 17 anos de intenso trabalho na Faculdade de Ciências Sociais da USP, Kabengele formaliza o grau de professor livre-docente. Em 1997, a partir da produção de livre-docência, seu trabalho é publicado em livro, intitulado *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - Identidade nacional versus identidade negra*. Na referida obra, temos os apontamentos teórico-metodológicos a respeito das críticas à mestiçagem, símbolo da ideia de democracia racial e todo o cenário que mantém, brancos e negros, imobilizados quanto aos efeitos socioeconômicos, políticos e culturais do racismo à brasileira.
- 43 Além da extensa produção de livros e artigos, o professor e intelectual, Kabengele Munanga, acolheu sob sua observação 98 participações em bancas de mestrado e 150 participações em bancas de doutorado. Foram dezenas e dezenas de orientações para mestre e doutores, brancos e negros, que lhe procurava para orientação, estudos e pesquisas sobre a temática da população negra.
- 44 Durante 32 anos, o professor de origem africana que se tornou brasileiro, permaneceu um dos únicos negros a compor o quadro docente da Faculdade de Ciências Sociais. Por mais de três décadas, Kabengele Munanga combateu o racismo na sociedade brasileira e na própria Universidade de São Paulo, em razão da incipiente representação étnica racial, de docentes negros no quadro da instituição e da crescente procura por suas orientações por jovens pesquisadores.
- 45 Em 2019, estudo elaborado pelo jornal *Folha de São Paulo* observou que o quadro docente da USP é 98% branco (Pinho, A., 2019). Apenas 1,8% dos 5.655 docentes se define como pardo, e 0,3% como preto. Só um educador é indígena.
- 46 Nos 32 anos de exercício docente, nosso interlocutor, com suas intervenções no campo social e científico, apresentava uma perspectiva de uma universidade aparentemente diversa no quadro docente. Posterior à sua saída com a aposentadoria, a política de ação afirmativa implantada recentemente limita-se apenas ao quadro discente. No corpo de professores, conforme as informações acima, a USP é um dos lugares do racismo na ciência brasileira.
- 47 De sua fundação até o momento atual, a USP manteve a entrada de alunos e docentes do universo socioeconômico médio e alto branco. A transformação da identidade social de nosso interlocutor, um jovem congolês que se tornou brasileiro, gradativamente, com a sua presença, intelectual e social, deve ter incomodado o universo branco. Ali, questionando o racismo da sociedade brasileira, ele também questionava o racismo na principal universidade do país.

- 48 Conforme os números acima a respeito do protagonismo de Kabengele, a formação de mestres e doutores é de grande relevância social e política. Em primeiro lugar, a formação de jovens pesquisadores, sobretudo de negros e negras, qualificou um quadro de profissionais para o exercício no ensino superior, a formação de professores nas áreas de recursos humanos para enfrentar as desigualdades e o racismo. Em segundo lugar, a produção de mestres e doutores contribuiu para a escrita de interpretações teórico-metodológicas sobre o racismo em suas diferentes áreas do conhecimento, como a educação, a vida política, o mercado de trabalho, as diferenças de classe social, gênero e etnia ou raça. Em terceiro lugar, gradativamente, a formação de mestres e doutores resultou em novos atores nos estudos das ciências humanas e sociais e o próprio fortalecimento dos movimentos sociais negros. Consideramos que, além dos três cenários, a vida acadêmica e social de Kabengele ultrapassou inúmeras considerações.
- 49 Um quadro de maior representação é a Associação Brasileira de Pesquisadores Negr@s – ABPN, fundada nos idos de 2000. Esta instituição tem por finalidade o ensino, pesquisa e extensão acadêmico-científica sobre temas de interesse das populações negras do Brasil. É uma instituição que se edificou, direta e indiretamente, com as reflexões e ações do professor Kabengele Munanga. Muitos dos pesquisadores negros afiliados à ABPN detêm um grau intelectual e social de parentesco com nosso interlocutor. A maioria dos pesquisadores e professores da ABPN passou pelas mãos, pelo trabalho intelectual e social do Professor Doutor Kabengele Munanga.

A Construção da Identidade social

- 50 A história dos 500 anos do Brasil é uma história da construção das identidades que caracterizam a sociedade e o povo brasileiro. Impossível pensar em identidades, sem fazer menção aos povos, culturas e etnias que aqui protagonizaram o ser brasileiro: inicialmente, a pluralidade de etnias que vieram a compor o que os colonizadores definiram como indígenas; posteriormente, a colonização ibero-americana escravizou povos, culturas e etnias africanas, de diferentes línguas, crenças, tecnologias e artefatos do quadro social e, o colonizador branco de origem portuguesa (Munanga, K., 1999).
- 51 Em 500 anos do Brasil, 388 anos foram construídos em torno do trabalho escravizado de homens e mulheres africanos e afro-brasileiros. Foi nesse contexto de extrema violência, com derramamento de sangue, genocídio e estupros, que as identidades do território brasileiro foram sendo tecidas, principalmente da população negra.
- 52 Em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil – Identidade Nacional versus identidade negra* (1999), Kabengele propõe analisar como se processaram as identidades em solo nacional, do ponto de vista biológico, social, cultural, econômico e político. A identidade é uma construção coletiva, histórica e social, ela se constitui por inúmeros elementos do quadro social. As características da identidade são imprescindíveis para a arquitetura simbólica e física da cultura de um povo, de um Estado-nação, de um território, das etnias e da cidadania como projeto político de transformação.
- 53 Conforme as reflexões acima, as identidades da cultura e da sociedade brasileira se constituíram com a violência e o genocídio da universalidade cultural de indígenas e africanos escravizados.

- 54 A violência e o genocídio praticado contra indígenas e africanos nos 388 anos do país, nos dias de hoje, pode refletir qual projeto de identidade na sociedade brasileira?
- 55 Para Kabengele Munanga, a identificação de um indivíduo como negro, branco, indígena ou mestiço não está relacionada aos aspectos biológicos, como as experiências étnicas e raciais das sociedades norte-americana e sul-africana, com as políticas da segregação e do *apartheid*.
- 56 Após os anos de 1888 e 1889, a ideia de igualdade social e política das três matrizes fundadoras da sociedade brasileira limitou-se ao quadro teórico. Na prática, todos os indivíduos que herdaram as características das populações historicamente marginalizadas, em sua maioria constituída por indígenas e negros, na história e nos dias de hoje, se encontram na base da hierarquia sócioeconômica, política e cultural do Brasil.
- 57 Hoje, século XXI, as populações que legaram as identidades negras e indígenas, no dia a dia, vivem inúmeras dificuldades e desafios para assumirem a sua humanidade, as culturas e representações.
- 58 A violência étnica e racial tem efeitos drásticos em nossa contemporaneidade, para os grupos escravizados, principalmente o negro; a questão da identidade negra é uma construção de difícil realização. Para o brasileiro em geral, a identidade branca traz privilégios e benefícios para a população branca, de todas as classes sociais na hierarquia sócio-econômica.
- 59 A identificação sociocultural de negros e indígenas é um retrato do racismo à brasileira. Nos últimos 130 anos da sociedade brasileira, temos: de um lado, a segregação étnica e racial da população negra nos espaços, lugares e territórios da pobreza; de outro lado, os benefícios e privilégios com o racismo e a segregação, condiciona a população branca no topo da hierarquia social.
- 60 A identidade social da população brasileira diante do racismo e da segregação étnica e racial não é tema comum de ser assimilado pela população mais escura, como os pretos, pardos e mestiços.
- 61 Conforme as reflexões de Kabengele (1999), além da história do escravismo na constituição da identidade do brasileiro, temos no processo de formação da identidade nacional o projeto eugenista, visando o embranquecimento da sociedade.
- 62 Nas palavras de nosso interlocutor:
- 63 “Apesar de ter fracassado o processo de branqueamento físico da sociedade, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodeando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na negritude e na mestiçagem, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior” (Munanga, K., 1999; p.16).
- 64 As ideias e reflexões acima de nosso interlocutor, confirmam o comentário sobre o percurso intelectual e social. Ele aprendeu a dançar com a teoria e a realidade social do movimento social negro, compondo a explicação de uma realidade histórica, social e política da população negra.
- 65 As dificuldades dos movimentos negros em mobilizar todos os negros e mestiços, visando uma única identidade “negra”, revelam o grau e a dimensão do racismo e da segregação na sociedade brasileira. Passados mais de 130 anos do fim da sociedade

escravocrata, o ideal de branqueamento é uma característica da identidade branca difícil de ser destruída. Mas, também, temos um quadro difícil de ser construído, a edificação das identidades negras e mestiças.

- 66 Para o autor, o conceito de mestiçagem revela o histórico quadro de cruzamento das populações branca, indígena e negra, inicialmente, nos 388 anos da sociedade escravocrata. A mestiçagem, vista no cenário da história da colonização, deveria ser encarada primeiramente não como um sinal de integração e de harmonia social, mas sim como dupla opressão racial e sexual da mulher escravizada pelo senhor branco.
- 67 Posteriormente, na história do século XX, a mestiçagem revela o profundo quadro do mito da democracia racial em nossa sociedade. O mito, na história e no cotidiano, torna difícil a construção de identidades negras por negros e mestiços. A mestiçagem está na base da hierarquia social, portanto, negros e mestiços formam a pobreza e a segregação étnica e racial do cenário nacional (Campos, A., 2007; Garcia, A., 2010).
- 68 A identificação positiva de negros e mestiços para a formação das identidades negras poderia resultar em um quadro diferente do que se apresenta na história e no momento atual. Na realidade, não é o que presenciamos, a mestiçagem se apresenta como uma característica que reforça a identidade branca, o branqueamento como projeto.
- 69 Kabengele Munanga (1999) argumenta que esse quadro revela a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, e diz respeito à influência negativa que poderia resultar na herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira.
- 70 A pluralidade étnica racial nascida do processo colonial representava, na cabeça da elite, um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, ocidental e europeia. A raça tornou-se central no debate nacional a respeito do processo de formação da identidade do brasileiro.
- 71 A mestiçagem teve um papel de desconstrução da identidade negra. Nos 388 anos da sociedade escravocrata, o projeto colonial da miscigenação enfraqueceu, de forma física, social e política, a organização e ações dos negros, como a luta em torno da liberdade. Após a abolição e nos últimos 130 anos, a mestiçagem dificulta a identificação dos mestiços com os negros, ao anular a superioridade numérica do negro e alienar seus descendentes mestiços, através da ideologia do branqueamento.
- 72 Mesmo diante da segregação e do racismo, a mestiçagem evitou o conflito étnico racial, dos negros e mestiços, para desestruturar a hierarquia social e as desigualdades que mantêm os brancos no poder.
- 73 Nos Estados Unidos e na África do Sul, a identidade negra esteve à frente de importantes transformações políticas, como o movimento pelos Direitos Civis e a luta contra o *apartheid*. Aqui, no Brasil, reiteramos, evitou conflitos nas áreas urbanas e rural, na estrutura do trabalho e no universo da política e dos poderes. Por outro lado, garantiu o comando do país ao segmento branco, evitando a transformação das identidades negras, como uma força para prover o território de identidades insurgentes e de cidadania plena.
- 74 No decorrer do século XX e no momento atual, a mestiçagem vem garantindo a manutenção da ordem do mito da democracia racial.

Raça, Etnia, e racismo

- 75 Em Casa Grande e Senzala (2006), do intelectual Gilberto Freire, temos a oposição negro e branco em toda a estrutura de poder da sociedade colonial aos dias de hoje. O embranquecimento, segundo o autor, não se fez por completo na sociedade brasileira, no entanto, o quadro social e simbólico está no dia a dia do brasileiro, com o embranquecimento sociocultural da sociedade nacional.
- 76 A separação física, social e política da Casa Grande e da Senzala, em nossa contemporaneidade, se inscreve nas favelas, nas periferias, nas habitações insalubres e distantes da realidade sócioeconômica de maioria branca, ou seja, os negros e pobres vivem em áreas de menor urbanização e com maior incidência às vulnerabilidades e à violência do cotidiano. Os brancos, em geral, estão nos condomínios fechados, horizontais e verticais, protegidos pela segurança física e virtual, eles estão nas áreas e territórios urbanizados, ricos e brancos das urbes do país.
- 77 A segregação, conforme o projeto de separação do passado e de nossa contemporaneidade, mantém, por um lado, a população branca na hierarquia dos poderes e, por outro lado, condiciona os negros e mestiços no cenário da pobreza e da vulnerabilidade. É diante deste quadro, da segregação, que a ideia de raça e racismo foi se compondo no universo social de brancos e negros.
- 78 Hoje, século XXI, cada vez mais as sociedades do mundo se relacionam com a diversidade de culturas, etnias, raças e representações socioculturais. A diversidade é uma marca inscrita em todos os territórios, em razão da globalização, de ordem econômica, política e cultural, sobretudo dos territórios étnicos que produzem e reproduzem suas características para o mundo.
- 79 Na história do século XX e no momento atual, os fenômenos do racismo e da raça não foram tão simples. Em geral, as sociedades lidaram com a violência sempre presente, haja vista o nazifascismo na segunda guerra mundial, a segregação nas sociedades norte-americana e sul-africana e, em especial, a sociedade brasileira que persiste em manter a separação, conforme a classe social, a etnia, raça e o gênero, segregados em todos os sentidos, desde a hierarquia socioeconômica até a mais simples condição da pobreza negra.
- 80 Kabengele Munanga, ao observar a teoria sobre raça e racismo, se deparou com o fato que a condição sócio-antropológica ultrapassa o quadro físico e biológico. Mas o viés ideológico, conforme as sociedades, apresenta diferentes realidades sociais, por exemplo, na sociedade americana, basta uma gota de sangue de um antepassado negro para que uma pessoa seja identificada como negra. Em nossa sociedade, raça e racismo estão estruturados, não pela lógica da descendência biológica, mas pelo fenotípico. O grau de melanina que uma pessoa traz no corpo de seus antepassados irá determinar as oportunidades e os lugares que ela poderá acessar no cotidiano da sociedade.

Mas afinal, o que é raça e racismo?

- 81 Para o autor, o critério principal da classificação da diversidade humana em raça foi a cor da pele a partir da qual os classificadores decretaram as três grandes raças que persistem até hoje em nosso imaginário coletivo: as raças negra, branca e amarela.

- 82 O racismo, nas sociedades contemporâneas, opera inferiorizando determinado grupo humano em detrimento de outro. Na história das sociedades, a ideia de raça foi utilizada para classificar e separar os indivíduos, como aconteceu no nazifascismo e nas sociedades norte-americana e sul-africana. No Brasil, em geral, a ideia de raça e racismo, traz a herança do escravismo e do acúmulo das desigualdades da sociedade branca para com os negros, que amargam os últimos lugares, conforme a origem social e o lugar que os indivíduos ocupam no quadro social.
- 83 O racismo à brasileira é estrutural. Logo, as pessoas negras, independentemente da estrutura socioeconômica a que elas pertencem, não terão as mesmas oportunidades que seus pares brancos, como, por exemplo, o acesso às principais carreiras no capital científico e tecnológico do ensino superior.
- 84 O ensino superior no Brasil, antes da política de cotas, nos principais cursos, ofertou aproximadamente 100% das vagas para a população branca, dentre os discentes e docentes, principalmente as carreiras mais disputadas, como medicina, direito, comunicação, dentre outros. De 2014 para 2018, os discentes negros passaram de 22,1% para 35,8%, do universo da população discente. Os docentes negros no Brasil representam 16,4%, a participação por estado segue a hierarquia de classes e cores, em São Paulo, o percentual de professores negros corresponde a 6,3%, enquanto que na Bahia, o estado mais negro do país, eram 35,8% em 2018 (Bermudez, A.C., 2020).
- 85 O racismo institucional, no dia a dia, age de diferentes formas no imaginário social da sociedade. Por exemplo, no quadro da violência de nossa sociedade, o perfil dos homicídios, feminicídios e das desigualdades é negro, portanto, reiteradamente, as instituições como a polícia militar oferecem serviços e atendimentos diferenciados para os públicos negro e branco. Em geral, conforme o Mapa da Violência de 2018 (IPEA, 2018), o homicídio no país tem o perfil concentrado na população masculina, pobre, jovem, negra e de regiões periféricas.
- 86 O genocídio da população negra persiste nos últimos 130 anos, de forma física e simbólica, homens e mulheres negros/as são mortos/as pelo Estado, pelo poder das instituições que deveriam proporcionar oportunidades para todos. No entanto, vêm prevalecendo os benefícios para as pessoas brancas, de todas as classes sociais.
- 87 A ideia de raça, etnia e racismo se cruza em diferentes perspectivas sociais. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que possuem em comum um ancestral, um território geográfico, uma língua, uma história, uma religião e uma cultura (Munanga, K., 2013). No Brasil, as identidades foram constituídas por etnias, de origens indígena, africana e branca europeia. A etnia, raça, racismo, pobreza e cidadania, conforme as reflexões do autor, detêm uma intersecção, passam por um processo de cruzamento diante da dinâmica da luta por direitos e da cidadania.
- 88 Kabengele Munanga (2013), diante do quadro teórico-metodológico da raça, etnia e do racismo, afirma que nossa sociedade, desde o princípio múltipla e diversa, só se fará democrática quando oferecer oportunidades para todos, em especial, para a população que vive o cotidiano do racismo e das desigualdades. As vítimas do racismo, no dia a dia, precisarão alcançar direitos à igualdade e direitos às diferenças para que a sociedade seja verdadeira democrática para todos. Esta é uma construção que deve ser levada em frente para todas as etnias, culturas e sociedades, para fins de manter sempre viva a história das humanidades.

- 89 A construção de uma sociedade diversa e múltipla não será exclusivamente pela lei e ordem, mas por intermédio do conhecimento, da educação e do universo sociocultural.

Cidadania e Políticas Sociais

- 90 Kabengele Munanga acentua que o problema central do racismo à brasileira, não é a raça em si, mas sim as representações dessa palavra e a ideologia no imaginário social. Na história do século XX, o racismo dependeu da racionalidade científica da raça. Hoje, ele depende dessa variante biológica. No momento atual, século XXI, o racismo se reconstrói com base em outras manifestações, históricas e culturais em constante relacionamento com as características sócio-culturais, como a etnia, as identidades e a diferença (2013).
- 91 Nosso interlocutor foi formado classicamente no bojo das Ciências Sociais brasileiras, na formação teórica-metodológica da crítica social. Além da formação crítica, ele pode melhor responder ao cenário das desigualdades e do racismo, ao dialogar, vivenciar e analisar a realidade social juntamente com os atores dos movimentos sociais negros.
- 92 Nos primeiros 388 anos de dominação colonial, o quadro social se manteve quase que intacto. A população branca se manteve nos mesmos lugares e posições na sociedade, *via* estrutura do escravismo e, posteriormente, com a abolição, a hierarquia das desigualdades históricas e cumulativas não foi desfeita, foi reforçada por meio de políticas de Estado, gradativamente, propôs o branqueamento da população.
- 93 Conforme as considerações acima de Kabengele, o branqueamento físico e biológico, não se perfez integralmente. O que prevaleceu, de 1888 aos dias de hoje, foi a produção de privilégios e benefícios para um segmento étnico-racial, o favorecimento da população branca no topo da hierarquia social.
- 94 Nos últimos 130 anos, a constante luta em torno da cidadania diz respeito a um processo histórico, sócioeconômico e cultural da concepção teórica-metodológica da realidade social, de etnia e raça na formação do país.
- 95 A construção da cidadania brasileira passa pelo processo histórico da problematização e entendimento das categorias sociais de classe social, etnia, raça, gênero, território e as demandas sociais da realidade. Cidadania, na história e nos dias de hoje, corresponde aos direitos da igualdade e das diferenças.
- 96 Na história do século XX e das primeiras décadas do século XXI, o Estado e as políticas públicas não oportunizaram o acesso à igualdade para todos e nem o exercício das diferenças sócio-culturais. O Estado e as respectivas políticas sociais, não foram centrais na história do racismo e das desigualdades.
- 97 Ao não focalizar o racismo e as desigualdades, de origem étnica, racial e social, pouco ou quase nada mudou na hierarquia sócioeconômica. Passado mais de um século após a abolição, a ausência de políticas étnico-raciais não possibilita que a sociedade seja verdadeiramente democrática, múltipla e diversa.
- 98 Recentemente, com a implantação das políticas de ação afirmativa, como a política de cotas no acesso ao ensino superior, o Estatuto da Igualdade Racial e as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 (que tornam obrigatório a história e a cultura indígena, africana e afro-brasileira na educação básica), nossa realidade poderá ser melhor conhecida com a história e cultura das etnias, raça e racismo do Estado brasileiro.

- 99 É por intermédio da educação da diversidade étnica e racial que a sociedade, em especial, os atores dos movimentos sociais negros, mulheres, indígenas e a diferença sociocultural, vem demarcando nos espaços da escola, das ruas, praças e territórios, as concepções em torno da construção da cidadania brasileira.

Considerações Finais

- 100 Conforme afirmamos acima, de 1980 até 2012, Kabengele trabalhou o ensino, a pesquisa e a extensão na FFLCH - Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo. Durante 32 anos, além do trabalho acadêmico, a aproximação com a realidade social lhe conferiu melhor delineamento sobre a história e a contemporaneidade do país.
- 101 Nas décadas que esteve à frente da formação de jovens e pesquisadores negros e brancos, nosso interlocutor obteve amadurecimento, visão crítica do universo social e racial e, diante de suas observações e críticas, propôs políticas de combate ao racismo.
- 102 Hoje, século XXI, houve um avanço considerável na produção nacional sobre a produção teórica-metodológica a respeito da diversidade étnica e racial. É por intermédio da diversidade que, segundo as palavras de Kabengele, nossa sociedade poderá ser verdadeiramente democrática, cidadã e diversa. A diversidade é um importante instrumento de combate ao racismo e às desigualdades que tocam a todos, brancos e negros, sobretudo à população negra.
- 103 A política da educação para a diversidade étnica e racial, no dia a dia, da sala de aula e das experiências culturais, possibilitará o melhor desenvolvimento das identidades, etnia e raça. Portanto, confirmando os comentários acima, ela é um instrumento de combate ao racismo. O acesso à cultura, múltipla e plural, e a educação para a diversidade na história do país poderão proporcionar que a igualdade e as diferenças reescrevam uma outra história, uma história da cidadania para a equidade na igualdade e na diferença.

BIBLIOGRAPHIE

Bastide, Roger, Fernandes, Florestan, *Branco e negro em São Paulo*, Editora Brasiliense, 1971.

Bermudez, Ana Carla, “Número de alunos negros na universidade explode; entre docentes, alta é tímida”, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05/10/2020, <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/10/05/n-de-alunos-negros-na-universidade-explode-entre-docentes-alta-e-timida.htm>, acessado em 05/10/2020

Campos, Andreilino, *Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora 34, 2007.

- Cândido, Antônio, “A Sociologia no Brasil”, *Revista de Sociologia da USP, Tempo Social*, São Paulo, 2006, p. 271-301, https://www.researchgate.net/publication/240771328_A_sociologia_no_Brasil/fulltext/02cd54730cf2f49a781e0f31/A-sociologia-no-Brasil.pdf, acessado em 20/11/2019
- Entrevista TV USP, Programa Travessia entrevista o Professor Kabengele Munanga, 2012, <https://www.youtube.com/watch?v=6iOmlZRijeg&t=49s>, acessado em 14/10/2020
- Fernandes, Florestan, *A Integração do Negro na Sociedade Classes*, São Paulo, Editora Dominus, 1965.
- Freyre, Gilberto, *Casa Grande e Senzala*, São Paulo, Global, 2006.
- Garcia, Antonia dos Santos, *Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais*, Salvador, Cidade D’Oxum e Rio de Janeiro, Cidade de Ogum, Rio de Janeiro, Garamond, FAPERJ, 2010.
- IPEA – Instituto de Política Econômica Aplicada, Atlas da Violência 2018, Brasília, 2018, IPEA – Instituto de Política Econômica Aplicada, Atlas da Violência 2018, Brasília, 2018.
- Machado, Elielma Ayres e Barcelos, Luiz Cláudio, Relações Raciais entre universitários no Rio de Janeiro, *Revista Afro-Asiáticos*, vol. 23, Rio de Janeiro, 2001.
- Maio, Marcos Chor, O Projeto Unesco e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 1940 e 1950, *RBCS*, vol. 14, n° 41, outubro 1999.
- Munanga, Kabengele, *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil, Identidade nacional versus identidade negra*, Rio de Janeiro, Petrópolis, 1999.
- Munanga, Kabengele, *Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo*, Cadernos PENESB, Niterói, Rio de Janeiro, 2013.
- Nascimento, Abdias, *Genocídio do Negro no Brasil*, Rio de Janeiro, 1978.
- Nascimento, Abdias, *O Brasil na mira do pan-africanismo*, Salvador, EDUFBA, CEAO, 2002.
- Pinho, Ângelo, “Na USP, apenas 2,1% dos mais de 5.000 educadores são pretos ou pardos”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2019, <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/com-cotas-aulas-da-usp-comecam-a-perder-brancocentrismo.shtml>, acessado em 14/10/2020.
- Quijano, Anibal, *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*, Buenos Aires, 2005.

NOTES

1. Ver estatuto da igualdade racial que agrega grande parte dessas transformações e direitos, lei 12.288/10, de 20 de junho de 2010.
2. Agradeço aos comentários e contribuições dos professores/avaliadores Silvia Capanema e Cristian Azais.
3. Entrevista TV USP, Programa Travessia entrevista o Professor Kabengele Munanga, 2012. <https://www.youtube.com/watch?v=6iOmlZRijeg&t=49s>

RÉSUMÉS

Ce texte vise à présenter l'histoire et la trajectoire historique, sociale, culturelle et politique du professeur et intellectuel Kabengele Munanga. Pendant 32 ans, notre interlocuteur s'est consacré au travail académique et social à la Faculté des sciences sociales de l'Université de São Paulo. Pendant plus de trois décennies, sa production intellectuelle et sociale s'est concentrée sur la production de chercheurs et d'enseignants, en particulier les jeunes hommes et femmes noirs, l'élaboration de la littérature sur les relations raciales ethniques et la production de réflexions et d'actions avec le mouvement social noir. Au cours des 50 dernières années, la participation de notre interlocuteur est essentielle pour faire face au racisme et au développement d'idées, de concepts et de réflexions sur les relations raciales ethniques et la construction de la citoyenneté.

O presente texto tem como objetivo apresentar a história e o percurso histórico, social, cultural e político do professor e intelectual Kabengele Munanga. Durante 32 anos, nosso interlocutor dedicou-se aos trabalhos acadêmicos e sociais na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Por mais de três décadas, sua produção intelectual e social centrou-se na produção de pesquisadores e professores, em especial, de jovens negros e negras, a elaboração de literatura sobre as relações étnicas raciais, e a produção de reflexões e ações juntamente com o movimento social negro. No decorrer dos últimos 50 anos, a participação de nosso interlocutor é imprescindível para o enfrentamento do racismo e o desenvolvimento de ideias, conceitos e reflexões sobre as relações étnicas raciais e a construção da cidadania.

The purpose of this text is to present the history and the historical, social, cultural and political trajectory of professor and intellectual Kabengele Munanga. For 32 years, our interlocutor dedicated himself to academic and social work at the Faculty of Social Sciences at the University of São Paulo. For more than three decades, intellectual and social production has focused on the production of researchers and teachers, in particular, young black men and women, the elaboration of literature on ethnic racial relations, and the production of reflections and actions along with the black social movement. Over the past 50 years, the participation of our interlocutor is essential for the fight against racism and the development of ideas, concepts and reflections on ethnic racial relations and the construction of citizenship.

INDEX

Mots-clés : Diversité, ethnicité, race, racisme, ségrégation

Palavras-chave : Diversidade, etnia, raça, racismo, segregação

Keywords : Diversity, ethnicity, race, racism, segregation

AUTEURS

REINALDO JOSÉ DE OLIVEIRA

Reinaldo José de Oliveira, é Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em 2006, obteve bolsa sanduiche para fazer estudos e pesquisas no CADIS-EHESS Paris, sob supervisão do Professor Michel Wieviorka. De 2008 a 2010 foi pesquisador do Programa Nacional de Pós-Doutorado da CAPES, referente a pesquisa Territorialidade Negra e Segregação Racial nas cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2013, organizou a publicação “A Cidade e o

Negro no Brasil: Cidadania e Território”. Posteriormente, em 2016, publicou “Territorialidade Negra e Segregação Racial na cidade de São Paulo: a luta por cidadania no século XX”. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Catu – Bahia.

REGINA MARQUES DE SOUZA OLIVEIRA

Regina Marques de Souza Oliveira, tem Pós-Doutorado pelo IMAF/EHESS (Instituto dos Mundos Africanos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais - EHESS/Paris, realizou a pesquisa: Território e Violência: Saúde Mental da População Negra e da Diáspora Africana, sob a colaboração científica de Elikia M'Bokolo). Doutora em Psicologia em 2008 (PUC/SP- Brasil e EHESS-Paris/França/Colegio Doutoral Franco Brasileiro, co-tutela, Programa da Fundação Capes), Mestre em Psicologia Social (2003, Bolsa CNPQ), Especialista em Psicoterapia Psicanalítica (1997) e Psicóloga (1993). Foi recebida no Laboratório de Psicologia Social da École des Hautes Études en Sciences Sociales, por Denise Jodelet e Elisabeth Lage e no CADIS - Centre d'Analises et Intervention en Sciences Sociales, por Michel Wieviorka. Com experiência de trabalho em Saúde, Clínica e Instituições, com populações vulneráveis, negras, juventude e criança negra. Atualmente, é Professora de Psicologia/Psicanálise da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Centro de Ciências da Saúde.